



ESCOLA DE
HUMANIDADES

CIVITAS

Revista de Ciências Sociais
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

Civitas 21 (2): 316-319, maio-ago. 2021
e-ISSN: 1984-7289 ISSN-L: 1519-6089

<http://dx.doi.org/10.15448/1984-7289.2021.2.39868>

RESENHA

As engrenagens do novo populismo *Os engenheiros do caos, de Giuliano da Empoli*

The gears of new populism

The engineers of chaos, by Giuliano da Empoli

Los engranajes del nuevo populismo

Ingenieros del caos, por Giuliano da Empoli

João Henrique Salles

Jung¹

orcid.org/0000-0001-9234-6866

joaojung@outlook.com

Palavras-chave: Populismo. Democracia. Ciberpolítica. Giuliano da Empoli.

Keywords: Populism. Democracy. Cyberpolitics. Giuliano da Empoli.

Palabras clave: Populismo. Democracia. Ciberpolítica. Giuliano da Empoli.

Resenha de:

Empoli, Giuliano da. 2020. *Os engenheiros do caos*. Tradução de Arnaldo Bloch. São Paulo: Vestígio.

Recebido: 10 jan.2021

Aprovado: 2 abr.2021

Publicado: 24 ago. 2021

Giuliano da Empoli é um jornalista e pensador francês que passou boa parte de sua vida na Itália. Formado em Direito pela Sapienza Università di Roma, com posterior mestrado em Ciência Política pela Sciences Po (Paris), o autor intersecciona os universos intelectual e político através de sua atuação enquanto CEO do *think tank Volta*, sediado em Milão. Giuliano ainda ocupou os cargos de secretário da Cultura de Florença e de Conselheiro Político de Matteo Renzi, ex-primeiro-ministro italiano.

A biografia de Giuliano constitui o *background* que permite a concepção de uma obra como *Os engenheiros do caos*, na qual uma análise interdisciplinar consegue mapear as principais tendências políticas do século 19. Na versão aqui aludida, o livro consiste em uma brochura de 190 páginas, dispostas a partir de seis capítulos – mais introdução e conclusão – que tem como objetivo central mostrar quem são as personagens que estão por trás da atual ascensão do nacional-populismo no mundo. Nomes são dados e eventos são apontados de forma a indicar também quais são as ferramentas que tais engenheiros do caos utilizam para alcançar seus propósitos. Nisso emerge a principal virtude que se revela também no maior defeito da obra: a amplitude do trabalho, temática e geográfica, serve como uma boa incitação ao debate sobre a relação entre ciência de dados e políticas; ao mesmo tempo, superficializa conceitos e fenômenos



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Pucrs), Porto Alegre, RS, Brasil.

históricos particulares a cada país analisado, não considerando as diferentes engenharias políticas presentes em cada um destes.

Logo na introdução traz-se a alegoria do carnaval enquanto "o novo paradigma da vida política global" (Empoli 2020, 13) por representar essa festividade um momento no qual as hierarquias se invertem; o sábio torna-se louco e vice-versa. O problema emerge quando o carnaval deixa de ser uma data comemorativa e com hora para terminar, tornando-se um festival perene que dita a estética política contemporânea. Nesse contexto surgem os líderes populistas, os tais loucos que se transformam na referência de multidões cansadas da política tradicional – daquilo que não é carnavalesco. De fato, observa-se no mundo a ascensão de presidentes e de primeiros-ministros que há alguns anos seriam improváveis detentores deste cargo. Na esteira do fenômeno que se denomina atualmente de *trumpismo*, um novo populismo nasce do apoio de cidadãos que, afastados da política democrática, se sentem negativamente afetados pelos resultados desta (Semán 2017); as democracias liberais se veem ameaçadas por uma antítese que nasce de suas próprias imperfeições.

A política tradicional, expressa através do modelo da *democracia representativa*, traz dois grandes problemas à sociedade contemporânea: i) a sensação de distância, por ser a deliberação centralizada nos partidos políticos e a intermediação realizada através de instituições burocráticas; e ii) a respectiva percepção de morosidade, que vê neste processo tradicional uma falta de agilidade e não absorção das vontades instantâneas da população. O novo nacional-populismo promete diminuir o tempo da política: subvertendo o papel das instituições em prol de mecanismos paralelos, demonstra que o diálogo político deles não está com os meios tradicionais, mas sim, com cada eleitor. O sentimento de participação toma conta do indivíduo que até então não se via representado por partidos. A fim de representar a disseminação do sentimento antipolítico do qual o nacional-populismo emerge, Giuliano da Empoli traz a figura do *Waldo*, em alusão à personagem da série *Black Mirror*, exibida na Netflix. Da vida

que imita a arte, o Movimento 5 Estrelas é retratado como um grupo que conseguiu captar esse sentimento e criar uma estratégia política capaz de ocupar uma maioria no parlamento italiano.

A crescente desigualdade social em um contexto de globalização não inclusiva incendeia os discursos que promovem uma divisão entre "povo" e "elite", na qual os primeiros devem combater os segundos através de uma inversão de todos os valores políticos até então vigentes. Incitar a ira em diversas minorias descontentes com o *establishment* político, os imigrantes, os cosmopolitas e todos aqueles que representam algum risco à nação – em sua versão mais idílica e tradicional – é o *modus operandi* dos nomes por trás desse novo populismo. Para Giuliano da Empoli, a cólera é um dos dois principais ingredientes do carnaval político; uma máquina de comunicação superpotente é o outro.

Destaca-se ao longo da obra alguns países-chave e atores políticos que promovem este movimento antipolítico. Entre eles encontra-se a Itália (denominada de "Vale do Silício do populismo") e seu tecnopopulismo capitaneado pelo Movimento 5 Estrelas, de Gianroberto Casaleggio; os Estados Unidos, então bastião da democracia liberal que inverte sua própria lógica através da parceria entre Donald Trump e o estrategista Steve Bannon; o Brasil, que possibilitou a eleição de Jair Bolsonaro a partir de uma massiva campanha de *fake news* através da proliferação de grupos virtuais de extrema-direita como é o caso do Movimento Brasil Livre (MBL); a Hungria dos ataques à União Europeia e da defesa aberta de um Estado iliberal que tenha como lema "Deus, Pátria e Família", em uma nova realidade conduzida por um ex-presidente que defendia a integração com a Europa, Viktor Orban, e o estrategista político responsável por sua vertiginosa reorientação, Arthur Finkelstein; e o Reino Unido do *Brexit* que se concretizou graças a um grupo de físicos liderados por Dominic Cummings e do uso de *Big Data* a partir da Cambridge Analytica.

Aqui entra um componente-chave da obra em voga, o desbravamento desse mundo virtual que fomenta e dirige os discursos populistas; se o po-

pulismo e a revolta não são, ainda que diferentes hoje, produtos políticos novos, a forma com a qual esses são promovidos é. A incipiente *cibercultura* surgida na Califórnia da década de 1970 expande-se ao mundo e alcança o campo político. Eis o nascimento da *ciberpolítica*, termo que não encontra lugar no livro de Giuliano da Empoli – e aqui se revela uma primeira crítica à obra – mas que já possui valor conceitual e compreende um novo campo de estudos para a análise dos fenômenos políticos ciberneticamente mediados.

O autor cita constantemente o uso de *Big Data*, algoritmos, *trolling*, *fake news*, entre outros, mas jamais sem as unir dentro do campo da *ciberpolítica*. De todo modo, compreende-se a forma com a qual as novas tecnologias formatam o novo terreno político. Se por um tempo não era considerado de grande importância – restrito a alguns *geeks* e suas comunidades – para posteriormente ser explorado com fins meramente comerciais, o mundo da *internet* é hoje o campo no qual a política é definida. Para Giuliano da Empoli, a ascensão do nacional-populismo se deu através da articulação entre físicos, líderes carismáticos e estrategistas políticos que perceberam isso antes dos demais.

Ainda que disposto a partir de um descontentamento material verídico, o apoio ao nacional-populismo ganha fortes conotações simbólicas em um panorama no qual a realidade e a verdade já não são mais essenciais ao discurso político. Há toda uma gama de fatores sociais que levam a esta conclusão, sendo central a crescente importância de redes sociais como Facebook, Instagram e Twitter na vida das pessoas, com os respectivos efeitos afetivos advindos do fenômeno das redes. Narcisismo, depressão, ansiedade; todos esses são afetos potencializados pela presença das redes sociais na vida do cidadão comum que passa a ter como referência não mais o seu vizinho ou amigo, mas sim, celebridades e ídolos. Essa “proximidade” com pessoas até então inalcançáveis estimula a cólera no indivíduo, que passa a perceber sua vida como insuficiente, ruim. Do simbólico ao econômico, o aumento do endividamento e a cultura do consumo crescem exponencialmente

enquanto forma de os indivíduos tentarem suprir os déficits de seu *mundo da vida*.

Os *engenheiros do caos* aprenderam a manipular esta insatisfação generalizada, esta ambígua admiração/indignação em relação àqueles que figuram como os vencedores de uma corrida regida pelo mito da meritocracia. Uma questão que Giuliano da Empoli cita diversas vezes ao longo da obra e que possui realmente uma grande importância é o fato de que as emoções negativas geram um maior engajamento. Uma série de estudos mostra como postagens e notícias de cunho negativo recebem maior atenção e disseminação do que aquelas de teor positivo, fenômeno perceptível a partir da proliferação de canais e programas sensacionalistas como os brasileiros *Brasil Urgente* e *Balanço Geral*.

As redes sociais, que mapeiam os interesses de seus usuários, criam algoritmos para ampliar engajamentos, coletam dados para a criação de um banco de informações e servem ao mesmo tempo de modelo e de fornecedores àqueles que pretendem dar uma finalidade política a esse processo. Há dois pontos que podem ser derivados aqui: um primeiro que se relaciona à possibilidade de formar estratégias políticas rápidas, que conseguem entender as vontades dos cidadãos e os coopta ao entregar aquilo que eles desejam; um segundo que configura a própria ascensão de determinados líderes, que em um discurso contra a política tradicional, aparecem como figuras que não necessitam da intermediação das instituições, que demonstram a capacidade de dialogar diretamente com seus eleitores. Nisso, Giuliano da Empoli argumenta a formação de algo como uma *democracia direta*, em contraste ao modelo de *democracia representativa* até então vigente.

Há nisso um fenômeno ainda mais profundo, que representa o fim da coerência política nos programas de governo. Antigamente, os candidatos debatiam em redes de televisão, faziam campanha em locais públicos; segmentavam sua estratégia de modo coletivo, pensando no conjunto de eleitores que iriam absorver sua propaganda. Atualmente a forma de fazer campanha mudou, assim como os canais utilizados para tal;

há um direcionamento individual da propaganda política. Manipula-se individualmente qual o conteúdo recebido pelos eleitores, pois a inserção digital possibilita propaganda via redes sociais e canais de comunicação informais, como é o caso do WhatsApp. É majoritariamente através de sua *timeline* e demais contatos, com conteúdos patrocinados, que o eleitor se informará e decidirá politicamente. É emblemático o caso brasileiro, no qual o então presidente Jair Bolsonaro se elegeu sem participar de debates políticos.

O autor conclui o livro ao defender que se vive atualmente em uma "era da política quântica". O carnaval enquanto paradigma político contemporâneo tem como base a capacidade hoje existente de captar e manipular dados de forma efetiva para o jogo político. Alude-se a algo como uma *revolução científica* de cunho paradigmático, à lá Thomas Kuhn (2017), que o autor evoca para descrever o que ocorre hoje com a política em analogia ao que aconteceu com a física no início do século 20; fortemente consolidada sob a mecânica clássica, viu seus pressupostos ruírem frente à emergência da mecânica quântica. Ainda, assim como as certezas da física newtoniana foram derrubadas pela imprevisibilidade que define a física quântica, Giuliano da Empoli (2020, 176) coloca que "a política quântica é plena de paradoxos: bilionários se tornam os porta-estandarte da cólera dos desvalidos; os responsáveis por decisões públicas fazem da ignorância uma bandeira; ministros contestam os dados de sua própria administração".

Ainda que contestável esta noção de *política quântica*, a qual parece mais uma alegoria do que uma conceituação válida do atual momento, deve-se levar em conta o fato de hoje viver-se em uma realidade afastada do que se tinha até então enquanto ciência política, no sentido lato desse termo. O conhecimento político amplia-se ao conhecimento algorítmico; a ciência de dados já mostrou empiricamente sua capacidade de mapear e definir o comportamento eleitoral e garantir, assim, eleições. Enquanto a detenção de tais saberes estiverem mantidas e utilizadas pela mão de poucos estrategistas, os engenheiros do

caos manterão em funcionamento as engrenagens do novo populismo. Não há mais tempo de reivindicar o passado enquanto *modus operandi* da política presente. O livro, em si, revela-se como um ponto de partida, uma leitura introdutória àqueles que buscam entender melhor as novas dinâmicas da política em tempos de ciberpolítica.

Referências

Empoli, Giuliano da. 2020. *Os engenheiros do caos*. Tradução de Arnaldo Bloch. São Paulo: Vestigio.

Kuhn, Thomas. 2017. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva.

Semán, Ernesto. 2017. Trumpismo: una minoría de masas. *Nueva Sociedad* 268: 4-13.

João Henrique Salles Jung

Doutorando e mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Pucrs), Porto Alegre, RS, Brasil. Bacharel em Relações Internacionais pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ES-PM-Sul), Porto Alegre, RS, Brasil.

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do autor antes da publicação.